Rumo ao exílio: Vilém Flusser, 1972

Ricardo Mendes (abr.2007)

Texto proposto à *Revista 18*, mas não publicado.

Em meados de 1972, Vilém Flusser, escritor, filósofo, professor e articulista renomado em sua área, decide abandonar uma carreira de vinte anos desenvolvida em São Paulo e retornar à Europa.
Esse novo exílio inaugura uma fase de ação ampliada como "filósofo da mídia", um dos rótulos pelo qual será conhecido no universo de fala alemã.
Que pontos, porém, unem esses dois momentos?

Aquele era um ano bissexto. À primeira vista igual a outros, mas com um dia a mais. Folhear novamente os jornais parece trair essa dupla personalidade. A primeira transmissão de televisão a cores, os anúncios informando sobre estoques de aparelho, a nota sobre o primeiro comprador. A lista de aprovados no vestibular, sim, isto me traz lembranças.

A prefeitura anuncia a demolição do viaduto Santa Efigênia. As obras do "metrô" chegam ao Anhangabaú, avançando rumo à avenida Tiradentes. A cidade física que marcará a paisagem na virada do século XX, já condenada, está em lançamento nos anúncios. Há uma calma provinciana na leitura do noticiário, rompida pelo incêndio no Andraus ou o acidente do trem dos estudantes, que leva para a segunda página a foto icônica da guerra no Vietnã, da garota em chamas.

O final da juventude é para alguns marcado pela busca de um grande passo, novas possibilidades. Em muitos casos pela falta de condições reais imediatas, em outros, pela força bruta. Migrantes muitas vezes em busca de oportunidades, outros porque era esta a única possibilidade de sobrevivência. Outro grande passo aos 51 anos é, porém, uma oportunidade a ser criada.

Trajetória intelectual

Vilém Flusser, 51 anos, nascido em Praga: judeu de nascimento, alemão de formação cultural. Ser judeu na cidade de Kafka, esta que fora o tema de seu primeiro artigo na grande imprensa paulistana em 1961, é condição especial. A natureza tripartite daquele momento social, daquela cidade – judaica, tcheca e alemã – deixa marca indelével em boa parte de seus habitantes entre os dois momentos de conflito mundial em solo europeu. Flusser será entre nós um representante dessa condição.

Refugiados em Londres, único sobrevivente agora abrigado no berço da rica família de sua futura esposa, seguem todos para o Brasil: 1940. Uma história comum a tantos. Abrigados em São Paulo, tiram proveito de uma extração social e uma oportunidade de fuga incomum. Vilém trabalha na empresa familiar, estabelece uma vida com três filhos e esposa num ambiente de classe média sem preocupações aparentes.

"...fazer negócios de dia e filosofar de noite. Ambas as coisas com distância, e ambas com nojo." Um panorama dessa condição e do clima emocional pode ser visto em *Bodenlos: uma trajetória intelectual.* Escrito por volta de 1973, publicado na Alemanha em 1991 logo após sua morte, o texto original em português é lançado a pouco no Brasil (Annablume, 2007).

A formação intelectual é, por um lado, fruto de um esforço isolado, sem títulos ou participação em círculos de estudos; por outro, constitui uma zona obscura ainda

não desvendada. Até, contudo, o final da década de 1950. Então, Vilém aproxima-se de alguns grupos, em especial aquele reunido ao redor do Instituto Brasileiro de Filosofia, capitaneado por Miguel Reale.

Começa então a ministrar cursos sobre filosofia, de referência alemã, marcado pelas obras de Heidegger e Wittgenstein. Inicia sua intensa produção escrita, em especial pela inserção continua na grande imprensa, o que marcará a difusão de sua obra. Em especial, a colaboração por uma década, a partir de 1961, no *Suplemento Literário*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, o mais prestigioso veículo da elite cultural paulistana.

O gesto de publicar, que ele mesmo verá como seu motor, ganha a forma do livro apenas em 1963, através de *Língua e realidade* (Herder), apontando um dos eixos de reflexão: a formação da língua, os modos e os territórios de expansão. Segue-se dois anos depois *A história do diabo* (Livraria Martins Editora), expressão tanto de seu interesse por Wittengestein como da faceta irônica e paraficcional, raramente explicitada nos estudos sobre o autor. O último livro lançado no Brasil - *A religiosidade* (Comissão Estadual de Cultura, 1967) – revela tanto a presença do tema como linha continua em sua obra como a marca deixada pela prática regular do ensaio curto, reflexo da produção jornalística.

Ao final da década de 1960, um balanço da atividade intelectual de Vilém Flusser revela um conjunto expressivo. À produção escrita soma-se a atuação como professor. Seja em grupos de estudos, em cuja ação sempre será comparado a outro migrado em registro diverso - Anatol Rosenlfed (1912-1973); seja como professor universitário, primeiro na Escola Politécnica-USP, depois na FAAP, aonde ajudar a estabelecer um dos primeiros cursos universitários em Comunicação.

A referência à sua experiência como professor universitário permite apontar outras duas linhas de interesse, ambas basilares para a produção que se seguirá: a filosofia da ciência e os estudos sobre comunicação. Esta última área marca toda a produção na década de 1970, resultando numa reflexão original distinguida pela abordagem fenomenológica.

O grande passo

A produção intensa, em busca contínua de novos espaços como escritor e como professor, parece ser talvez a melhor forma de compreender a mudança radical que se sucederá. Abandonando tudo, com os filhos já estabelecidos, o casal Flusser retorna a Europa em 1972, radicando-se após um tempo no sul da França.

A inserção em território francês, deslocado do eixo parisiense, não é fruto, porém de gesto brusco e temperamental. Ao final da década de 1960, o filósofo inicia sua participação em eventos internacionais como palestrante. No quadro francês, a proximidade de autores como Abraham Moles (1920-1992) será um ponto relevante, além de outros intelectuais e artistas que conhecerá nos anos seguintes nessas oportunidades.

Já em 1972, lança seu primeiro livro na Europa *La force du Quotidien* (Mame), reunindo ensaios publicados no Brasil e no exterior que expressam uma fenomenologia dos objetos. O conjunto anuncia desdobramentos rumo a uma interpretação dos gestos, tema que é lhe contemporâneo, mas que ganhará forma impressa apenas após sua morte.

A distância do Brasil, apesar dos primeiros momentos de retornos regulares, será rompida apenas na década de 1980. Ainda assim editará aqui, em 1978, um dos

títulos mais importantes: *Natural:mente: vários acessos ao significado da natureza* (Duas Cidades, 1978). O livro, que poderia ser associado ao seu pensamento sobre os objetos e os gestos, agora na escala do ambiente, revela outro aspecto na difusão da sua obra a partir de 1972: a divisão entre dois continentes, entre públicos que desconhecem o conjunto geral da produção, sua complementaridade, seu desenvolvimento.

O ano de 1983 marca uma alteração na percepção da obra flusseriana, com o lançamento de *Für einen Philosophie der Fotografie* (European Photography). Ao mesmo tempo revela seu pensamento sobre as novas condições da comunicação humana frente a mídias técnicas, e, em especial, o seu crescente interesse sobre os pares conceituais: arte-técnica e arte-comunicação. O fenômeno editorial ao redor deste livro é impressionante, mas expressa apenas a extensão e diversidade da produção ensaística e a presença como conferencista ao redor daqueles temas no período que segue até 1991, ano de sua morte, ocorrida durante um retorno simbólico a Praga.

Para saber mais

A percepção sobre a obra de Vilém Flusser é radicalmente distinta entre Europa e Brasil. A imediata reorganização de seu arquivo pessoal após sua morte, fruto do esforço da esposa Edith e dos colaboradores mais imediatos, resulta na reunião obstinada de originais, fotografias e outros registros. O conjunto documental percorrerá um longo percurso desde o início da década de 1990 até a cristalização do *_Vilém_Flusser_Archive*, primeiro em Colônia (1998) e, desde janeiro de 2007, em Berlim[1].

Esse gesto não foi um ato isolado. A edição da obra em língua alemã foi igualmente objeto de uma longa série, publicada pela Bollmann, que lança não apenas sua biografia *Bodenlos* (1991), mas diversos textos originais cujos momentos iniciais localizam-se na década de 1970. Ao mesmo tempo, colóquios anuais são realizados com regularidade na década de 1990.

O panorama brasileiro é outro, porém. Ainda que Flusser tenha mantido uma presença contínua como colaborador na imprensa e como palestrante na segunda metade da década de 1980, seus leitores não têm acesso à totalidade da produção européia, boa parte dela em língua alemã. Apenas em circuitos universitários restritos, como os estudos de comunicação (em especial, na PUC-SP), seu nome tem alguma permanência, marcantemente pela edição de *Filosofia da caixa preta* (Hucitec, 1985), versão de sua obra dedicada à filosofia da fotografia.

A distância passa a ser rompida apenas na virada do século, por motivos diversos. Talvez, o mais relevante, embora nunca lembrado, seja a difusão através da internet, em cujo tecido proliferam indistintamente núcleos de difusão de sua obra (em alemão, inicialmente). Por outro lado, o crescente intercâmbio acadêmico dos últimos anos permitiu um contínuo, embora difuso, contato com os lançamentos da obra do autor, em alemão, e mais recentemente em inglês, bem como com os estudos críticos. Intercâmbio que permitiu a divulgação e estimulou a análise através da rede de produção acadêmica.

Num quadro mais pontual, essa difusão pode ser identificada ainda em outras duas direções. O surgimento de iniciativas locais de debate é uma delas, como a realização em 1998, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, do seminário *Vilém Flusser no Brasil: uma apresentação*, organizado por Gustavo Bernardo e Ricardo

[1] Abertura oficial em: 26.04.07. Página internet: <http://flusser.khm.de>.

Mendes. A programação traça um panorama amplo sobre essa presença, mas completementa-a com um quadro similar na Europa.

Outra ação fundamental é a retomada nos últimos cinco anos da publicação de títulos do autor, seja na forma de novas coletâneas, seja como relançamentos. A lista é longa: *Ficções filosóficas* (1998, Edusp), *Fenomenologia do brasileiro* (1998, Eduerj), *A dúvida* (Relume, 1999), *Da religiosidade* (2002, Escrituras), *Filosofia da Caixa Preta* (2002, Relume), *Língua e realidade* (2004, Annablume), *A história do Diabo* (2005, Annablume) e *Bodenlos* (2007).

Afora os anais do evento *Vilém Flusser no Brasil,* editados em 2000 pela Relume Dumará, poucos títulos foram dedicados ao estudo crítico da obra flusseriana. É o caso dos livros *Esperando Flusser* (1997, FBN) e *A dúvida de Flusser: filosofia e literatura* (2002, Globo), ambos de Gustavo Bernardo. Professor do Instituto de Letras-UERJ, Bernardo tem sido no campo da literatura o principal agente de discussão da obra, notadamente em sua análise sobre o ceticismo. É importante a menção nesse conjunto do livro *Imagem: cognição, semiótica, mídia* (Iluminuras, 1998), de Winfried Noth e Lucia Santaella, por permitir a compreensão da produção flusseriana, em sua última fase, inserida no amplo panorama contemporâneo das teorias da imagem.

O desafio de introduzir a obra européia, em especial os títulos editados na França, continuará adiado. E, ainda mais, uma leitura que trace os elos entre as duas fases.

A internet continua ainda como meio chave, ainda que dispersivo, para a difusão da obra no Brasil. Num primeiro momento, por páginas como a associada inicialmente ao evento *Vilém Flusser no Brasil* desde 1997, de caráter referencial, e o site *Dubito ergo sum,* de Gustavo Bernardo, reunindo ensaios sobre diversos aspectos da obra flusseriana[2]. No entanto, como no contexto internacional, é a existência difusa de referências, associadas a base de dados de perfil acadêmico, o terreno fértil para identificação de novos agentes críticos.

O ano em que saímos de férias

A fase entre os dois momentos, o brasileiro e o europeu, constitui um dos tópicos pouco estudados da obra do filósofo. O acirramento do quadro ideológico pós-1968, o esgotamento de espaços de ação para Flusser e a crise pessoal são alguns dos motores elencados para esse segundo exílio à margem dos centros europeus. No entanto, mais do que as motivações, o gesto de partida acaba obscurecendo um momento revelador do desenvolvimento da obra flusseriana.

Alguns projetos iniciados então guardam elementos importantes para estudo. Um deles, por exemplo, é o convite feito pela Fundação Bienal para colaborar na organização do segmento *Arte e comunicação*, a integrar, em 1973, a *XII Bienal Internacional de São Paulo*. Nessa ação, Flusser, ao longo do segundo semestre de 1972 passa a atuar como representante da instituição na Europa, estabelecendo contatos com curadores e artistas. O projeto, que cristaliza formalmente um projeto curatorial, seria expressamente identificado pelo filósofo como: "o instante dramático de minha vida, o de ter a possibilidade de por em prática uma teoria" (*Gazette de Lausanne*, 06.01.73). Ainda que não efetivado na forma idealizada, após um longo período de elaboração, os documentos remanescentes são fonte importante quanto ao pensamento do autor sobre o tema e os contatos efetivados

[2] *Vilém Flusser no Brasil: Bodenlosigkeit*: <http://www.fotoplus.com/flusser>
Dubito ergo sum: <http://paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum>

entre a intelectualidade européia constituem um terreno que será explorado por Flusser[3].

Outro projeto, mais próximo, é sua atuação na imprensa, espaço privilegiado em sua produção filosófica. Após o longo período de colaboração, entre 1961 e 1971, no *Suplemento Literário*, Flusser inicia em 21 de janeiro de 1972 a coluna *Posto Zero*, no jornal *Folha de S. Paulo.*

A situação é agora distinta. O caderno *Ilustrada* constitui território diverso. Seus artigos, na página 3, convivem de um lado com o colunismo social de Tavares Miranda, em sua expressão máxima no período, e de outro com um panorama da indústria cultural da década de 1960. O jornal também é um veículo diferenciado. Passando por uma renovação administrativa e gerencial, a *Folha de S. Paulo*, em meio ao momento de endurecimento da ditadura, delineia o que será sua ação na década seguinte como jornalismo crítico de marca liberal. Nessa fase embrionária, o novo veículo constitui, contudo, um espaço de maior alcance. Com uma tiragem superior a 180 mil exemplares, a coluna *Posto Zero*, agora diária e menor, revela-se como um novo espaço a ser ocupado.

Durante pouco mais de três meses, Flusser escreve 54 artigos. O formato menor exige uma renovação. Adota, entre outras soluções a elaboração de artigos seriados. A maior freqüência parece afastá-lo do modelo de ensaio filosófico anterior, sem contaminar-se por gêneros como a crônica ou o diário. Ainda assim o tom irônico, quase deboche, surge como por exemplo em *Considerações transitórias* (04.02.72), no qual alusões ao trânsito permitem comentar a atmosfera da ditadura, encoberta no noticiário geral.

Se os temas parecem distante da fenomenologia dos objetos presente na produção do período, o interesse pelos modelos pode ser detectado. E ainda outros que lhe são familiares como o engajamento, a morte, as gerações e a transmissão de modelos. O político surge em artigos como *Considerações transitórias*, já mencionado, ou em *Copa e cozinha* (09.03.72), abordando as relações entre público e privado. E a ciência, tomada como modelo de interpretação, é discutida, por exemplo, nas relações entre metodologia e ética (*Boas maneiras,* 03.03.72), modelo de análise (*Bengalas*, 08.02.72) e na interação imaginação, ciência e cultura (*O bicho de sete cabeças*, 25.03.72).

O caráter experimental deixa marcas na forma dos ensaios e a experiência é marcada pela heterogeneidade. Há, contudo, uma unidade que corta fundo todas essas contribuições: a reiteração do valor da diversidade de pontos de vista sobre o que nos cerca, e, revelador da raiz existencial em Flusser, da dificuldade em atuar em tal solo, mas ainda assim condição para agir.

Espaço privilegiado como veículo de divulgação, pouco há para afirmar sobre a repercussão desses artigos, apesar da tiragem elevada. A colaboração é interrompida em abril, ao iniciar a série *As musas*, sem uma explicação clara. Em meados do ano, Flusser já está na Europa, entre outras coisas, organizando seu projeto para a Bienal.

Fato surpreendente, porém, e também sinal claro da importância dada ao filósofo pelo jornal, pode ser encontrado no primeiro caderno, no noticiário internacional. Num momento único, em suas colaborações na imprensa paulistana, Flusser publica no mesmo período sete longos artigos sobre política internacional. A primeira

[3] Sobre o tema, veja a comunicação, apresentada no colóquio A terceira margem: Vilém Flusser e o Brasil (Gemersheim, AL, 12 a 14.10.07): MENDES, Ricardo. Bienal de São Paulo 1973 – Flusser como curador: uma experiência inconclusa.

colaboração é significativa e ambiciosa. Em *A longa viagem* (20 e 21.02.72), o autor comenta em dois ensaios a viagem de Nixon à China.

A cobertura dada na imprensa ao evento ocupa grande espaço por mais de uma semana. A *Folha*, por exemplo, segue o padrão, reunindo artigos de agências internacionais e de articulistas locais, quase sempre sob o ponto de vista geopolítico. Surpreendentemente, mais uma vez, Flusser participa com dois artigos, publicados num domingo e no dia seguinte, comentando o evento sob a perspectiva de interação de modelos culturais. Num gesto revelador, o jornal publica novamente o segundo artigo, com maior destaque, na terça-feira.

Em seu conjunto, pequenas ações de Flusser ao longo de 1972 expressam a busca de modalidades e veículos novos de mediação para o pensamento filosófico. Renovadora e instigante, como ele mesmo aponta, sua ação curatorial inconclusa para a Bienal de São Paulo, ou heterogênea e exploratória como a produção do articulista, agora em novo formato, ambas apontam possibilidades renovadoras para análise da obra do autor.

Ricardo Mendes
Pesquisador em história da fotografia,
integra o setor de Estudos e Pesquisas
do Arquivo Histórico Municipal (SP)